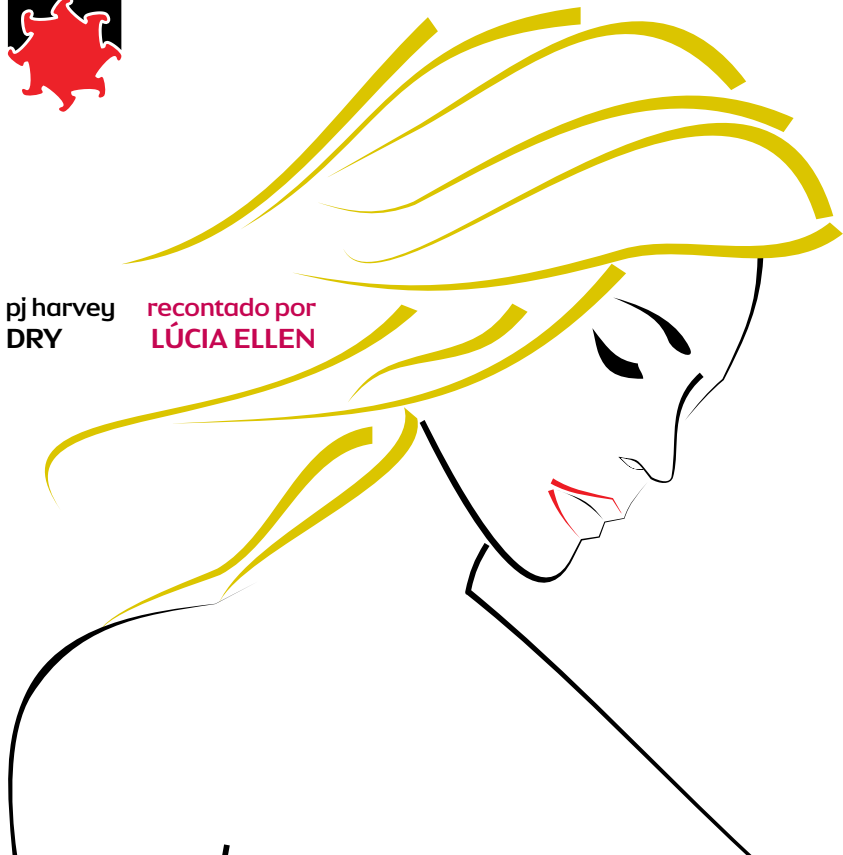




pj harvey
DRY

recontado por
LÚCIA ELLEN



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

PJ Harvey

DRY

recontado por

LÚCIA ELLEN

ABRIL DE 2008
VOLUME 62

MOJO
BOOKS

pj harvey

DRY

recontado por

LÚCIA ELLEN

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DIREÇÃO DE ARTE: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA DESTA EDIÇÃO: **DELFIN**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Oh My Lover
2. O Stella
3. Dress
4. Victory
5. Happy And Bleeding
6. Sheela-Na-Gig
7. Hair
8. Joe
9. Plants And Rags
10. Fountain
11. Water

DRY
PJ HARVEY

LANÇAMENTO: **1992**
SELO: **ISLAND RECORDS**



DRY

I.

Quem falou que eu, Vitória, não tenho medo?

Como eu poderia não ter medo em meio a dezenas de gotas e ondas que me empurram para lá e para cá? Mas o meu tempo já se foi e foram tantas dores que o medo não irá me deter — não poderia...

Eu pedi pro Joe, mas ele não quis me ouvir, gostaria de tê-lo ao meu lado, meu único e verdadeiro amigo.

Estive “presa” em meu apartamento por quatro dias — a dor do vazio é pior do que todos imaginam. Joe estava lá, tentara ajudar-me de todas as formas e, apesar de não entender, a depressão não é tristeza, não é vontade de chorar, ou dor, ou medo. Depressão é simplesmente o nada. O vazio que te consome e faz com que você deseje qualquer outra coisa só para não senti-lo.

Eu me cortava... pedia para Joe me cortar...

II.

Uma vez me apaixonei, foi o meu único amor e o “estar com outra” não me importava — eu realmente não me importava, eu só queria tê-lo comigo.

Sentia-me mais viva quando me preocupava com o que ele sentia; por isso, eu fiz de tudo por ele, queria ajudá-lo de todas as maneiras — ele era como um gatinho indefeso perdido na rua, triste, com frio e assustado.

Quando nos conhecemos estava mal consigo mesmo: não tinha emprego, não tinha auto-estima, estava prestes a ser despejado e bla bla bla...

Eu conversei com alguns amigos, consegui um novo emprego para ele, que veio morar comigo até terminarmos de pagar o acordo do antigo apartamento e ele poder procurar outro. Assim que pôde, ele encontrou!

Exatamente no dia em que conseguiu outro apartamento, apareceu com uma história de que amava outra garota. Saiu pelo meu apartamento pegando todas as suas coisas. Discursava sobre determinados assuntos e situações que não consigo descrever, pois não consegui digeri-las.

Eu dizia que poderia pegar todas as suas coisas, poderia ir para outro apartamento, poderia ter outra mulher, poderia amá-la, mas pedia para que ficasse comigo.

Ele não olhava no meu rosto. Eu implorava para que falasse comigo, gritava pedindo que não cuspsse palavras sem sentido.

Foi tudo tão rápido, logo quando as coisas começaram a melhorar em sua vida. Ele me deixou por outra, ele me trocou. Ao menos soube seu nome: Stella Marie.

III.

Stella Marie se tornou minha musa. Eu desejava saber quem ela era e Joe me ajudou com isso também da mesma forma como ajudara-me em tudo. Marie é perfeita: delicada, feminina, linda e, ao mesmo tempo, tem uma presença forte e confiante — tornou-se minha obsessão, minha estrela, minha guia.

Eu estava disposta a reconquistá-lo e queria ser como Marie.

Noite passada soube que estaríamos no O'Malleys. Decidi aparecer por lá.

O que vestir? Não me sinto a vontade com os trajes mais femininos, mas eu deveria usá-los. Uma noite para dançar, deve haver alguma forma de chamar sua atenção, algo que eu possa vestir para agradá-lo.

Ele gostaria de ver-me *sexy*, sempre me pediu para vestir roupas mais delicadas, pedia-me para deixar um pouco de lado meu tênis, calça *jeans* e camiseta utilizados eternamente.

Mesmo não tendo nada para mostrar além de pernas finas e poucas curvas, por um impulso, comprei um lindo vestido vermelho — não tinha idéia do que colocar no pé e, sim, tinha medo de parecer vulgar.

Ao vesti-lo senti como se eu não fosse eu, mas coloquei o único sapato de salto fino que tenho e fui para dançar e arrasar.

Chego e todos me olham, estou deslumbrante — é verdade. Música alta, olhares curiosos, ninguém que conheço, pessoas eufóricas (por tempo ilimitado).

A música alta me faz dançar e delirar, mas eu quero mesmo é que E-L-E me veja. Lá está ele, é difícil andar de vestido e salto alto, “ele irá me olhar?”, era tudo o que conseguia pensar. Vi Marie observando-me com uma expressão de indiferença. De repente ela entra na pista de dança e ilumina aquele lugar, todos os olhares se voltaram para ela, que me olha e percebo que de certa forma sorri — um sorriso no bom e velho estilo Mona Lisa —, que confiança, inegavelmente milhares de vezes mais deslumbrante do que eu... Ela o chama para dançar e eles vão para o meio da pista.

O que há comigo? Ele passou por mim, só me lançou um olhar sem muita expressão; então voltei para casa com o meu belo vestido vermelho e a minha bipolaridade gritando.

IV.

Quando estou dentro de uma situação desse tipo, me vejo entorpecida, tudo me atinge como agulhas finas de pontas agudas jogadas ao vento. Milhares delas adentrando pelo corpo, lentamente, cada uma apertando os pontos mais sensíveis. Isso me deixa tonta, as coisas giram a minha volta como numa cena de filme em que a personagem está em busca de alguém no meio da multidão e não sabe que rumo tomar. Sim... um filme, já me disseram para parar de agir como se vivesse em um filme hollywoodiano.

Uma sensação de clausura consome o meu estômago e pensamentos, minha cabeça parece que irá explodir. São problemas subjetivos, situações inusitadas que, vez ou outra, penso que eu mesma as crio. Talvez realmente seja isso, nenhum romance, nenhuma aventura, nada extraordinário ou interessante, só problemas e problemas que, expostos a terceiros, parecem pouco complicados de se resolver — as pessoas me olham com espanto e me perguntam o por quê de tanta preocupação, “o problema é mesmo só esse?” — mas eu não consigo vê-los de forma simples, discretos e inofensivos.

Eu costumava caminhar sem destino — descobridora triste e melancólica andando pelas ruas iluminadas do centro de São Paulo, entorpecida pelas luzes e pelo barulho dos carros que acabavam se transformando em

trilha sonora — e criava personagens intrigantes. Esta era a minha forma de esquecer a realidade oprimida em sentimentos aflitos e inexplicáveis. Mas naquele momento, nada disso surtiu efeito.

V.

Mary, me salve, me leve para um lugar sem sofrimentos, superioridade, vazios, desamores, desilusões. Sei que não agüentarei muito tempo e preciso de sua ajuda.

Mary tem um andar angelical, daqui debaixo vejo apenas suas pernas e o final de seu vestido branco, longo, que se movimenta de acordo com o seu andar delicado descompensado pelo vento. Ela está a minha procura.

“Mary, Mary, eu estou aqui!”, agarro em seus tornozelos.

Mary vem até mim, não parece se molhar, “o que você deseja?” é o que entendo me perguntar.

Não sei ao certo como explicar, mas o mundo se mostra de uma forma para mim que percebo não ser o mesmo visto pelos outros. Não entendo como podem ser tão conformados, desencanados do que acontece com rumo da sociedade — sei o que irá dizer, “assunto chato pouco interessante”, mas é exatamente o que estou tentando explicar.

Sinto-me inquieto com a falta de originalidade alheia, nenhum personagem me representa, nenhuma história conta a minha realidade — digo isso porque não vejo minhas especificidades em cinco minutos de qualquer coisa —, e passo por esse mundo como algo inexistente, penso e desnecessário.

Para onde foram os seres geniais?

Genialidade... Eu esperava tê-la, mas assim como toda uma geração de seres platônicos perdidos pelo mundo frio, também essa é minha condição.

Eu gostaria que as pessoas me entendessem, gostaria que meus esforços não fossem em vão, gostaria de não sentir vazios ao longo da minha vida, gostaria de não ser vista apenas como algo fértil...

Mary, você me fez lembrar de mais um motivo.

VI.

Em uma de nossas discussões, ele se referiu a mim por “apenas mais um ser prestes a ser fertilizada”. Não me recordo sobre a situação exata, não consigo lembrar o antes ou o depois. Dessa discussão sobraram apenas essas exatas e duras palavras “Você é apenas um ser prestes a ser fertilizado”. Palavras que se reviravam e transviravam-se durante dias sobre minha mente atormentada.

Eu me sentia extremamente sozinha. Sempre quis ter uma criança. Ele me parecia tão frágil e necessitado de mim com instantes de segurança — combinação perfeita para a minha personalidade de polaridade perturbada. Eu acreditava que ele seria eternamente meu, seria ótimo ter um filho dele...

Uma viagem sem volta, seria um ser gerado dentro de mim e que estranhamente, para sempre e sempre, dependeria da minha pessoa e me lembraria a ele. Era tudo o que eu precisava, era tudo o que eu desejava.

Eu não o importunei muito com esse desejo, mas tentava incessantemente concretizá-lo. Talvez a culpa tenha sido intrinsicamente minha, talvez eu tenha causado um imenso cansaço. Não entendo porque tudo saiu dos eixos, não consigo entender porque certos planos saem de nosso controle, escorrem pelas mãos.

VII.

Menti. Eu menti para ele. Achei que não fosse importante. Não falei sobre meus remédios, não falei sobre as antigas idas ao psiquiatra. Não era necessário. Ele omitiu. Ele esqueceu de comentar que não me amava. Ele permitiu que eu acreditasse que estava comigo pelo que eu era, não pelo o que eu oferecia ou pelo que eu representava naquele momento. Eu desejava sua fraqueza. Ele não demonstrou ser forte. Eu gostava de sentir sua necessidade pelos meus carinhos e atenção. Ele deixou-se levar. Eu não falei que era histérica. Ele não falou que era perfeitamente capaz de se virar sozinho.

VIII.

Eu saí com o meu carro delirando pela cidade. Pude ver anjos, pude ouvir a sua voz, construí e reconstruí diálogos. Pude sentir o meu vazio, conversar com aquele que chamam de Deus.

Tudo isso me deixou zozna, sentia o meu estômago ser corroído, ouvia vozes e vi imagens irreais, tudo girando ao meu redor enquanto corria a 150 km/h em direção a lugar nenhum.

Pela estrada, luzes refletiam o meu terror, a minha alegria e minha tristeza. Refletiam o nada, refletiam as desconstruções do meu ser: único e inexplicável, paradoxal e inconstante.

Pude me ver. Vi como seria observar-me: o eu por mim.

Acho que consegui entender metade dos motivos que ele teria para me deixar. Cinco minutos depois, nada mais fazia sentido: discussões ao ar livre, choros histéricos em *shows* de bandas independentes, inquietação diária, milhões de pedidos de desculpas por semana, egocentrismo, controle de todas as situações, subjetividade, articulação e argumentação afiada.

Não sei por onde passei, não posso contar como cheguei até aqui, mas sei que me vi parada numa vaga em frente ao mar.

Pude rever toda minha vida, pude ouvir todos os seres reais e irreais

que passaram por ela — vi o infinito confundindo-se com o imaginário.
Andei em direção ao mar...

IX.

“Vitória, é chegada a hora da escolha final”, é a voz de Mary.

A água me consome, ainda sinto o vazio, sinto, agora sim, a dor de não ser notada. Ainda sinto a falta de Joe, ainda vejo cada situação eufórico-depressiva vívida como uma apunhalada. Tudo junto agora, são sentimentos incríveis: um abismo limpo e reesvaziado para que eu caia no branco límpido. Está construído.

Eu realmente tenho medo do que irei escolher.

“Mary, Mary, Mary. Você é uma versão amiga de Stella Marie”.

Se não fosse toda a minha vergonha, meu desajeito, meu olhar desconfiado, meus pensamentos incompreendidos, talvez eu pudesse ser alguém como vocês. Eu sei que eu poderia ser alguém, mas preferi deixar-me escapar.

Segurei-me em Mary, linda e atraente — senti inveja da sua beleza. Segurei em suas mãos e pedi: “Leve-me para longe desse vazio”.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br